



## MUSEU, SILÊNCIO E RESISTÊNCIA: A (RES)SIGNIFICAÇÃO DA HISTÓRIA E A (RE)CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA DO/SOBRE O HOLOCAUSTO

Elivélton Assis Krümmel<sup>1</sup>

Apresento, nesta breve reflexão, um recorte das discussões empreendidas em minha pesquisa de doutorado (em andamento). Trata-se de uma proposta de incursão ao Museu do Holocausto de Curitiba – PR, por meio do espaço digital dessa instituição, tendo em vista as condições de produção em tempos de pandemia. Objetivo, com isso, a partir do discurso testemunhal de sobreviventes, compreender como se dá a (res)significação da história e a (re)construção da memória do/sobre o Holocausto.

No espaço museológico, lugar de memória que é material, funcional e simbólico (VENTURINI, 2009), os sentidos são constantemente (re)atualizados e, por isso, compreendo, nessa incursão, que “[...] o nazismo, com certeza, não se esgotou no Holocausto” (TUCCI CARNEIRO, 2000, p. 7). A (res)significação dessa história, no presente, por meio de uma instituição que é organizada com base em seu projeto educativo (REISS, 2018), permite com que o passado incida no presente, de maneira que sejam produzidas – ao menos – perspectivas de um devir mais comprometido com o social.

Apreendo, assim, que há a necessidade de legitimação do discurso testemunhal nessa instituição museológica. Afinal, com vistas às práticas coercitivas, houve um espaço intervalar em que os testemunhos dos sobreviventes não foram ouvidos; é reforçada, na história institucionalizada do acontecimento, as narrativas dos vencedores, pois, “[...] o vencedor é dono também da verdade, pode manipulá-la como lhe convier” (LEVI, 2004, p. 11). Foram impostas muitas políticas que assegurassem o esquecimento dessa história, afinal, com o intuito de implementar o “[...] plano de extermínio das raças impuras, Hitler contou com a estrutura do Estado totalitário que lhe garantiu o monopólio da verdade, ou seja, só era possível a veiculação de uma única versão dos fatos que, tornada oficial, deveria ser aceita por todos” (TUCCI CARNEIRO, 2000, p. 11). Nesse ínterim, o apagamento das histórias das vítimas e as tentativas de silenciamento daqueles que resistiram e sobreviveram, já nos últimos anos em que estava em vigor o Regime Nazista, estão atreladas também às medidas que objetivavam consumir os seus rastros, a exemplo de quando os prisioneiros eram obrigados a desenterrar os mortos nos campos de concentração e queimá-los.

O Museu do Holocausto de Curitiba – PR recupera essa(s) história(s) e memória(s). E há que se destacar: isso se dá em seus diferentes espaços, porque “o museu, em vez de estar circunscrito como lugar geométrico, está agora em toda a parte, como uma dimensão da vida” (BAUDRILLARD, 1991, p. 15-16).

---

<sup>1</sup> Doutorando em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Santa Maria. Integrante do Grupo de Estudos Palavra, Língua e Discurso (PALLIND) e do Laboratório de Fontes de Estudos da Linguagem (CORPUS/PPGL). Bolsista CAPES. E-mail: [eliveltonkr@gmail.com](mailto:eliveltonkr@gmail.com).

Isso é potencializado na contemporaneidade, via rede mundial de computadores. Podemos, pois, encontrar os museus em outros lugares que não o seu espaço físico característico. Com essas novas possibilidades, não só o Museu do Holocausto de Curitiba – PR, mas os demais museus, de maneira geral, podem superar o novo coronavírus (SARS-CoV-2). Quando Poulot (2013, p. 131), em suas discussões sobre a constituição dos museus e a ciência social em construção, afirma que “[...] em sua história, o museu materializa o espaço de espoliação, intercâmbio, citação e reescrita em que os objetos se inscrevem de um contexto para outro e trocam, se necessário, de denominação, dependendo de quem os possui, expõe ou empresta”, compreendo que é necessário aos museus empregar inovações urgentes, as quais podem oferecer novas práticas sociais em um futuro que deverá ser mais virtual do que o passado.

No espaço digital do Museu do Holocausto de Curitiba – PR, na incursão proposta, quando é possível acessar alguns dos testemunhos de sobreviventes do acontecimento histórico, observamos como há a “[...] constituição de redes de memórias e de discursos que ressoam, preenchendo ‘furos’, decorrentes de ausências-presenças, que significam em/nos sujeitos” (VENTURINI, 2017, p. 66, grifo da autora). O sobrevivente traz à baila uma memória por muito tempo proibida, a qual emerge e reivindica a sua importância, seja para a (res)significação da história, seja para a (re)construção da memória do/sobre o Holocausto: ainda é preciso dizer sobre o que aconteceu. Conforme afirmado por Krümmel (2019, p. 123), “[...] é a condição de sobrevivente do Holocausto que lhe permite recuperar lembranças e colocar em funcionamento uma memória que é coletiva e que, em função da interpelação ideológica, reúne, via discurso, sentidos que são próprios de outros testemunhos”, porque tantos outros judeus tiveram que se esconder e narram sobre isso em seus testemunhos. Há o retorno de um interdiscurso devido à posição testemunhal.

À vista disso, podemos considerar o silenciamento que emerge, inicialmente, em função da dor pela sobrevivência em detrimento da morte do outro. Há, em alguns testemunhos, a culpabilidade pela vida: circulam lembranças aterrorizantes ligadas à ideia de que o sobrevivente está vivo porque foi mais forte, porque também lutou com/contra os demais sobreviventes para permanecer vivo. Não poderiam e não tinham condições de arquitetar um movimento de rebelião contra o dominador. Lutavam entre dominados. Mas, mesmo assim, veem na “sorte” pela vida a importância de falarem pelos outros, de narrarem sobre as histórias e memórias de todos que ocuparam e ocupam essa posição de testemunha. Seu discurso testemunhal é, pois, um “véu postigo que recobre o silêncio existencial” (LEVI, 2004, p. 78). E, por isso, “[...] o material mais consistente para a construção da verdade sobre os campos” vai sendo, paulatinamente, “[...] constituído pelas memórias dos sobreviventes” (LEVI, 2004, p. 13).

Ao (res)significar a história e ao (re)construir a memória do/sobre o Holocausto, essa instituição museológica legitima o lugar de importância da testemunha: é o testemunho que, prioritariamente, enquanto materialidade, “legitima a história e a memória dos sobreviventes” (KRÜMMEL, 2021, p. 228). Há, pois, nesse movimento, um rompimento com o silenciamento imposto: no processo de institucionalização da história do Holocausto, há um período de espera daqueles que não puderam discursivizar o acontecimento. Esse espaço intervalar, compreendido entre o tempo cronológico do acontecimento e o tempo em que são legitimadas as narrativas, por meio dos testemunhos dos sobreviventes, que ocupam essa posição-sujeito de testemunha, aponta que mesmo subjugados e silenciados, houve resistência – ainda que essas vítimas tenham sido arremessadas ao esquecimento (do corpo, da voz) e ainda que “[...] esse extermínio não deveria deixar nenhum rastro” (ROBIN, 2016, p. 218) –, pois, no caso da escrita da história, houve

propósitos específicos. Trata-se de um passado que muitos não queriam/não querem lembrar, como se pudesse ser apagado. Houve/há o interesse pelo apagamento desse episódio, entendido contemporaneamente como uma das maiores catástrofes do século XX. Da mesma forma, houve/há o negacionismo, ou mesmo, a inversão de posições.

O que há no Museu do Holocausto de Curitiba – PR é, afinal, uma possibilidade de apreensão da história do Holocausto enquanto um acontecimento histórico que é partilhado sensivelmente (RANCIÈRE, 2005, p. 15) por sobreviventes que resistiram, permanecendo vivos à época e que narram, posteriormente, sobre suas experiências: “[...] uma partilha do sensível fixa portanto, ao mesmo tempo, um comum partilhado e partes exclusivas”, porque cada testemunha e testemunho conferem a “parte exclusiva” de que fala Rancière (2005). Com vistas aos testemunhos que auxiliam nessa (res)significação da história e (re)construção da memória do acontecimento histórico, na interlocução com o público visitante, sejam em visitas presenciais ou mesmo digitais, conforme a incursão realizada, há um rompimento com o tempo cronológico: são recolhidos os “tempos desjuntados” (SCHERER; TASCHETTO, 2005) para que possam ser produzidos sentidos, nessa incidência do passado no presente, produzindo perspectivas de um devir: ao prezar pelas narrativas de sobreviventes, o museu resgata esse sujeito que sobreviveu, que resistiu permanecendo vivo, que partilha suas experiências.

Diante disso, entendo que “[...] a partilha do sensível faz ver quem pode tomar parte no comum em função daquilo que faz, do tempo e do espaço em que essa atividade se exerce” (RANCIÈRE, 2005, p. 16). Além disso, essa partilha garante também que a instituição museológica possa organizar, a exemplo de suas exposições itinerantes, determinados trajetos de leitura que visem à transformação das práticas sociais. Compreendo, também, que o Museu do Holocausto de Curitiba – PR insere sobre o espaço intervalar de silenciamento das narrativas dos sobreviventes do acontecimento histórico uma possibilidade de (res)significação, ao legitimar o espaço das testemunhas, aparando as arestas deixadas pela história, na movimentação dos processos de produção de sentidos, mediante determinados momentos sociais e históricos.

O que há, acredito, sobretudo no espaço digital dessa instituição, é uma possibilidade de apreensão da história do Holocausto enquanto um acontecimento que é partilhado por sobreviventes que resistiram, permanecendo vivos à época e que narram sobre suas experiências. Considerando o sujeito que ocupa a posição de visitante, há um rompimento com o tempo cronológico, sendo recolhidos os “tempos desjuntados” para que possam significar. Os museus criam, assim, “[...] novos sentidos para as coisas e (re)definem a realidade, razão pela qual são consideradas práticas de significação” (ORLANDI, 2014, p. 1).

Entretanto, o testemunho é uma forma de resistência (LEVI, 2004). Legitimar o espaço dos testemunhos do Holocausto é resistência. Expor o corpo-testemunha é resistência. Indubitavelmente, produzir aprendizagens sobre aquilo que se deseja esquecer é uma forma de resistência por meio da qual o Museu do Holocausto de Curitiba – PR, acredito, prioritariamente, (re)constrói uma memória da do/sobre o acontecimento histórico, organizando essas narrativas interditas, esses corpos interditados, sobre os quais as insurgências do tempo e do espaço provocam a ruptura na história e possibilitam a construção de uma memória. Em outras palavras, sobreviventes e museu re(e)xistem em (dis)curso, na/pela história, na/pela memória.

## REFERÊNCIAS

- BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e simulação**. 1. ed. Lisboa, PT: Relógio d'Água, 1991.
- LEVI, Primo. **Os afogados e os sobreviventes**: os delitos, os castigos, as penas, as impunidades. Tradução de Luiz S. Henriques. São Paulo, SP: Paz e Terra, 2004.
- KRÜMMEL, Elivélton A. **Entre a história e a memória**: uma análise discursiva do documentário "Sobreviventes do Holocausto". 2018. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2019. Disponível em: [https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/20628/DIS\\_PPGLETRAS\\_2019\\_KRUMMEL\\_ELIVELTON.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/20628/DIS_PPGLETRAS_2019_KRUMMEL_ELIVELTON.pdf?sequence=1&isAllowed=y). Acesso em : 16 jan. 2022.
- KRÜMMEL, Elivélton A. Da (as)simetria entre o corpo e a palavra : a testemunha e o testemunho no processo de construção de uma memória do/sobre o Holocausto. **Leitura**, n. 68, p. 223-237, 2021. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/11399/8391>. Acesso em : 16 jan. 2022.
- ORLANDI, Eni P. Discursos e museus: da memória e do esquecimento. **Entremeios**, v. 9, p. 1-8, 2014. Disponível em: <http://www.entremeios.inf.br/published/189.pdf>. Acesso em : 16 jan. 2022.
- POULOT, Dominique. **Museu e museologia**. Tradução de Guilherme J. de F. Teixeira. Belo Horizonte, BH: Autêntica Editora, 2013.
- RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível**. Tradução de Mônica C. Netto. 1. ed. São Paulo, SP: Editora 34; EXO experimental org., 2005.
- REISS, Carlos. **Luz sobre o caos**: educação e memória do holocausto. Rio de Janeiro, RJ: Imprimatur, 2018.
- ROBIN, Règine. **A memória saturada**. 1. ed. Rio de Janeiro, RJ: Editora da Unicamp, 2016.
- SCHERER, Amanda E.; TASCHETTO, Tania R. O papel da memória ou a memória do papel de Pêcheux para os estudos linguístico-discursivos. **Estudos da Língua(gem)**, n. 1, p. 119-123, 2005. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/985/841>. Acesso em 16 jan. 2022.
- TUCCI CARNEIRO, Maria Luiza. **Holocausto, crime contra a humanidade**. São Paulo: Editora Ática, 2000.
- VENTURINI, Maria C. **Imaginário urbano**: espaço de rememoração/comemoração. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2009.
- VENTURINI, Maria C. Museus em (dis)curso na/por uma história de 'nunca acabar'. In: VENTURINI, Maria C.; RASIA, Gesualda dos S. **Museus, arquivos e discursos**: funcionamentos e efeitos da língua, da memória e da história. 1. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020. p. 21-36.